

## CONTROLE POPULACIONAL DE CÃES E GATOS

### CONTROLE POPULACIONAL DE COLÔNIAS URBANAS DE GATOS DOMÉSTICOS (*Felis catus* LINNAEUS, 1758) LIVRES: ASPECTOS CLÍNICOS E COMPORTAMENTAIS

Flavya MENDES-DE-ALMEIDA<sup>1</sup>

A facilidade com que gatos urbanos se organizam em colônias favorece o crescimento exponencial das populações e desafia todos os métodos de controle conhecidos. Exatamente por isso, o interesse em pesquisas visando dimensionar o problema e compreender melhor as características dessas populações é cada dia maior.

Populações de gatos livres precisam ser controladas para evitar disputas entre pessoas que apreciam o convívio com gatos e os que não gostam; acidentes de trânsito devido a freadas bruscas; arranhaduras e mordidas; circulação de patógenos e os maus-tratos aos gatos em consequência do incômodo que causam às pessoas que não gostam do convívio com eles. As estratégias mundialmente utilizadas como formas de controle de populações de gatos domésticos são: 1) Erradicação das colônias ou 2) Esterilização.

A erradicação é realizada de várias formas: pela introdução de agentes patológicos específicos (ex: viroses felinas), envenenamento, caça, captura e eutanásia ou ainda captura / remoção / recolocação em uma nova colônia ou santuário (trans-locação). Os métodos de erradicação apesar de serem ineficientes e muitas vezes eticamente inaceitáveis, continuam a ser utilizados em locais onde se considera a presença de gatos uma ameaça às populações humanas (casos de raiva ou outras zoonoses) ou de animais silvestres (devido à predação por gatos domésticos) (SLATER, 2002; LEVY, 2004).

O controle populacional por esterilização pode ser realizado de forma química ou cirúrgica. A esterilização química consiste na administração de drogas contraceptivas ou abortivas colocadas no alimento e oferecidas às populações de gatos. Esse método apresenta falhas, uma vez que não é permanente, depende da aceitação da droga pelos animais, não permite mensurar a quantidade ingerida individualmente e, além disso, devido aos efeitos adversos e à baixa margem de segurança, seu uso é limitado e muitas vezes, contra indicado. A esterilização cirúrgica, mais aplicada nos programas de captura, esterilização e retorno, inclui a remoção das gôdadas (ovaríohisterectomia e orquiectomia) embora a esterilização também já tenha sido realizada sem a ablação das gônadas (ligadura de trompas e vasectomia). Todos os animais submetidos à esterilização cirúrgica devem ser marcados de forma definitiva (corte da ponta da orelha esquerda) a fim de se evitar que sejam re-submetidos à cirurgia.

---

<sup>1</sup> Médica veterinária, MSc., DSc., Professora Adjunta de Clínica Médica de Pequenos Animais da Universidade Federal Fluminense, UFF, Departamento de Patologia e Clínica Veterinária, Rua Vital Brazil Filho 64, 24230-340, Niterói, RJ. E-mail: fma@centroin.com.br

Não há um modelo único de controle populacional que se aplique com sucesso a qualquer colônia urbana de gatos livres. Sabe-se, por exemplo, que técnicas de captura e eliminação não diminuem a superpopulação, pois quando gatos são removidos, outros migram para o mesmo local e ocupam o nicho vazio (MENDES-DE-ALMEIDA et al., 2006). Esses novos animais que chegam, além de originarem uma colônia, podem introduzir novos patógenos na região (MENDES-DE-ALMEIDA et al., 2004). Sabe-se também que o comportamento social dos gatos é alterado quando são esterilizados por métodos que suprimem os hormônios sexuais, tornando-os complacentes em dividir recursos e território com gatos intrusos, permitindo migrações (GRIFFIN, 2001). Portanto, nem o modelo de eliminação e nem o de gonadectomia evitam a migração de gatos para o local. Ao se comparar o impacto produzido por técnicas de esterilização que incluem gonadectomia com as que preservam as gônadas, observou-se que quando a produção hormonal permaneceu inalterada, foi possível controlar o crescimento da colônia de forma eficiente com maior facilidade, inclusive por garantir menores taxas de migração. Entretanto, a longo prazo, poderão ocorrer mudanças significativas na composição estrutural da colônia em consequência do aumento no número deaios anuais de cada fêmea, o que ocasionará aumento no número de acasalamentos anuais e conseqüentemente, aumento de disputas entre machos adultos (CROWELL-DAVIS et al., 2004). Outra possibilidade é a intervenção restrita aos machos e fêmeas dominantes de uma colônia, uma vez que são eles os que mais

se reproduzem. Dessa forma, eles continuariam monopolizando os acasalamentos, sem aumentar a população. Com a finalidade de reduzir custos de programas de controle populacional já foi proposto também que somente os machos fossem esterilizados. Entretanto, o fato de poucos machos férteis serem suficientes para manter a fecundidade de uma colônia, fez com que esse método não fosse amplamente implementado.

A esterilização cirúrgica com gonadectomia, aplicada de forma indiscriminada e aleatória, sem o conhecimento e controle de outros fatores que interferem no crescimento das populações de gatos, não controlou a superpopulação de colônias urbanas em nenhuma das tentativas relatadas (PATRONEK, 1998; LEVY, 2004). Métodos de controle populacional com gonadectomia foram ineficientes na redução das colônias, provavelmente devido à migração, o que exige o monitoramento seguido de novas intervenções anuais visando a esterilização dos animais imigrantes. Além da migração voluntária dos animais, pode haver interferência humana tanto retirando animais quanto os introduzindo, o que reforça a necessidade de manter-se vigilância sobre as colônias trabalhadas. Estudos teóricos sugerem que a realização de gonadectomia em 50% dos indivíduos (machos ou fêmeas) não será suficiente para controlar populações e que resultados desejados só poderão ser alcançados pela realização de ovariohisterectomia em, pelo menos, 75% das gatas da colônia, mostrando que o impacto é dependente da condição reprodutiva das fêmeas (NASSAR e MOSIER, 1982).

O controle da superpopulação de gatos por meio de captura, esterilização e retorno, é motivo de intenso debate entre autoridades governamentais, público e médicos veterinários nos países onde é realizado em grande escala (EUA, Reino Unido, África do Sul, Canadá, Israel, Japão e Itália). As opiniões são divergentes principalmente no que se refere à manutenção de colônias de gatos onde haja presença de animais silvestres ou em locais onde a biodiversidade seja exuberante, devido à possibilidade de predação e risco de aumento na circulação de patógenos (SLATER, 2001). Por outro lado, a manutenção das colônias sem superpopulação contribui com o controle de populações de roedores e, conseqüentemente, de outras espécies sinantrópicas atraídas por eles. No Brasil essa discussão ainda não se iniciou até porque não há programas bem estruturados que subsidiem discussões fundamentadas (MENDES-DE-ALMEIDA et al., 2005).

A facilidade com que gatos urbanos se organizam em colônias propiciando o crescimento exponencial das populações desafia todos os métodos de controle populacionais conhecidos. O Jardim Zoológico da cidade do Rio de Janeiro (Fundação RIOZOO), localizado no parque municipal da Quinta da Boa Vista, em zona urbana da cidade, com área de 13,8 hectares, a 44m de altitude, situado a 23°54'S e 43°13'W, no Bairro de São Cristóvão, Zona Norte do Município do Rio de Janeiro, RJ, convive há mais de uma década com uma colônia de gatos livres que resistiu a várias tentativas de controle, todas mal sucedidas. Por isso mesmo, decidiu-se estudar a colônia urbana de gatos domésticos

(*Felis catus* Linnaeus, 1758) livres, habitante da RIOZOO, pesquisando sua estrutura e composição e acompanhando, durante 36 meses, o impacto da histerectomia como forma de controle populacional.

Para a estimativa do tamanho populacional total a cada ano, no período de 2001 a 2004 utilizou-se o método de captura, marcação e recaptura no qual se capturava o maior número possível de indivíduos, independentemente de sexo ou idade. Após os procedimentos de identificação e anestesia, as fêmeas acima de seis meses de idade foram submetidas à histerectomia. Os gatos foram sempre liberados no mesmo local em que haviam sido capturados. Todos os machos e as fêmeas não submetidas à histerectomia (filhotes e adultas já operadas) eram liberados logo após o retorno da sedação (máximo 8 horas), enquanto fêmeas submetidas à histerectomia, eram mantidas em confinamento por 24 horas.

Para se estudar a dinâmica e o impacto da histerectomia sobre a população total ao longo dos 36 meses de estudo, considerou-se a população da RIOZOO como sendo única.

O número de indivíduos estimado foi comparado ano a ano para avaliação do crescimento da população. O número real de gatos, por sexos e faixas etárias, distribuídos entre os anos de estudos permitiu a avaliação do impacto da histerectomia sobre a estrutura populacional.

No período do estudo capturou-se o total de 96 gatos, sendo 80 adultos (44 fêmeas e 36 machos) e 16 filhotes (11 fêmeas e cinco machos). Em 2001, foram capturados 47 animais e 25 gatas foram submetidas à histerectomia; em 2002, foram capturados 48

animais dos quais 12 fêmeas adultas foram submetidas à histerectomia; em 2003 não se realizou histerectomia e em 2004, capturou-se 40 animais e sete fêmeas adultas foram submetidas à histerectomia. A estrutura da população variou ao longo dos 36 meses mostrando tendência à manutenção da relação entre machos e fêmeas em 1:3 e à redução do número de animais jovens. A proporção inicial de filhotes de 17% caiu para 7% em 2002, 6% em 2003 até que em 2004 foi de apenas 2,5%, sugerindo ter havido redução no número de nascimentos.

A estimativa populacional anual de gatos livres na RIOZOO mostrou que a população daquele local estabilizou-se entre os anos de 2001 e 2004, com forte tendência ao decréscimo. A não remoção de indivíduos somada à conservação das gônadas de todos os animais preservou o comportamento sócio-natural dos gatos da colônia. Portanto, após dois anos consecutivos de intervenções com histerectomia de gatas adultas, intervenções programadas e realizadas a cada dois anos constituem medida adequada para controle da população urbana de gatos livres da RIOZOO (MENDES-DE-ALMEIDA et al., 2006).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CROWELL-DAVIS, S. L.; CURTIS, T. M.; KNOWLES, R. J. Social organization in the cat: a modern understanding. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 6, n. 1, p. 19-28, 2004.

GRIFFIN, B. Prolific cats: the impact of their fertility on the welfare of the species. **Compendium on Continuing Education for**

**Veterinarian Practicing**, v. 23, n. 12, p. 1058-1069, 2001.

LEVY, J. Feral Cat Management. In: MILLER, L.; ZAWISTOWSKI, S. **Shelter Medicine for Veterinarians and Staff**. Boston: Blackwell Publishing, 2004. p. 377-388.

MENDES-DE-ALMEIDA, F.; FARIA, M.C.F.; BRANCO, A.S.; SERRÃO, M.L.; SOUZA, A.M.; ALMOSNY, N.; CHAME, M.; LABARTHE, N. Sanitary Conditions of a colony of urban feral cats (*Felis catus*, Linnaeus, 1758) in a Zoological Garden in Rio de Janeiro, Brazil. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 46, n. 5, p. 269-274, 2004.

MENDES-DE-ALMEIDA, F.; PAIXÃO, R.; LABARTHE, N. Superpopulação de gatos (*Felis catus*, Linnaeus, 1758) urbanos – compreender para controlar. **Clínica Veterinária**, n.58, p.44-48, 2005.

MENDES-DE-ALMEIDA, F.; FARIA, M. C. F.; REMY, G. L.; BRANCO, A. S.; BARATA, P.; CHAME, M.; PEREIRA, M. J. S.; LABARTHE, N. The impact of hysterectomy in an urban colony of domestic cats (*Felis catus* Linnaeus, 1758). **International Journal Of Applied Research In Veterinary Medicine**, Apopka, Florida, USA, v. 4, n. 2, p.134-141, 2006.

NASSAR, R.; MONSIEUR, J. E. Feline population Dynamics: A study of the Manhattan, Kansas, Feline Population. **American Journal of Veterinary Research**, v. 43, n.1, p.167-169. 1982.

PATRONEK, G. J. Free-roaming and feral cats – their impact on wildlife and human beings. **Journal of the American Veterinary Medicine Association**, v. 212, n. 2, p. 218-226, 1998.

SLATER, M. R. **Community approaches to Feral Cats: Problems, alternatives, & recommendations.** 1ed. Washington: Humane Society Press, 2002. p. 1-41.

SLATER, M. R. Understanding and controlling of feral cat population. In: AUGUST, Jr. (ed): **Consultations in Feline Internal Medicine 4.** Philadelphia: WB Saunders Company, 2001. p. 561-570.

**Termos para indexação:** gato doméstico, estrutura populacional, histerectomia, controle populacional